



Os impactos das inundações nos museus de Porto Alegre e no direito à cidade

Jornal da Universidade / 4 de julho de 2024 / Artigo

Artigo | Os historiadores Vitória Duarte e Andrei Marcelo da Rosa refletem como os espaços do setor cultural são essenciais para a construção de identidades e para o direito à memória

*Por Vitória Duarte e Andrei Marcelo da Rosa

*Ilustração: Luísa Guazzelli Sirangelo/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

Ainda no começo de maio, as imagens do Centro Histórico de Porto Alegre inundado tomaram as redes sociais. A parte central da cidade, que já havia recebido o alerta para evacuação durante o final de semana, amanheceu na primeira segunda-feira do mês completamente alagada. O nível da água na região chegou a 1,5m, sendo **41cm mais alto do que a marca atingida pela enchente histórica de 1941**. Além dos inúmeros pequenos comércios, a região é onde fica a maior concentração de museus da capital, o edifício da Prefeitura e outros prédios históricos do estado, como o Mercado Público.

Por mais chocantes que os vídeos desses lugares alagados possam ter sido para pessoas de diferentes lugares, dificilmente eles traduziram fidedignamente o que a população gaúcha sentiu ao vê-los dessa forma. Onde outros enxergavam prédios e ruas alagadas, víamos nossas vidas e histórias sendo tomadas pela água. A frente do Mercado e da Prefeitura são marcadas para a classe trabalhadora da região metropolitana como pontos de concentração de manifestações e espaços nos quais aprendemos sobre a reivindicação de direitos – ou, nas palavras do historiador E. P. Thompson, onde testemunhamos a história sendo feita de baixo. Os museus espalhados pela Praça da Alfândega são também lugares de sociabilidade da juventude, que se faz muito presente em eventos como a Noite dos Museus, cuja edição de 2024 **precisou ser adiada para agosto** devido às enchentes. Os danos causados neles não representam “apenas” perdas materiais. São danos à memória e a tudo o que essa materialidade representa – demonstram como as ‘coisas’ também possuem significado e importam.

A capital conta com 79 museus e instituições culturais. Comandados pelo município, pelo governo estadual ou pela iniciativa privada, esses espaços foram duramente afetados pelas inundações. Tomados pela água do Rio Guaíba, misturada com o esgoto que subia dos bueiros, os danos aos acervos históricos e artísticos ainda são difíceis de mensurar.

O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, no bairro Cidade Baixa, foi um dos afetados. O espaço armazena o maior acervo arqueológico de Porto Alegre no primeiro andar, em uma sala que já não era vista como a mais ideal para o manejo desses artefatos, e que ficou debaixo de **80cm de água**. A instituição sofre com o descaso de anos por parte das administrações municipais e foi justamente neste ano que o Projeto de Restauração e Revitalização do Museu, conquistado após muitos anos de tratativas, iniciou. Ainda na primeira etapa, quando as enchentes começaram, o projeto certamente sofrerá mudanças. A falta de funcionários, o deterioramento de equipamentos e da própria casa centenária que abriga o museu, a ausência de uma reserva técnica adequada, esses são problemas que não foram causados pela enchente, mas que intensificaram os danos que a água causou porque, além de tudo isso, ainda terão que lidar com a limpeza do espaço, tentando salvar o que restou do acervo.

Outros museus, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Farol Santander, Memorial do Rio Grande do Sul e Espaço Força e Luz, foram afetados de maneiras distintas, mas com perdas significativas nos seus acervos. Há uma frase, comumente dita, de que catástrofes não escolhem suas vítimas e todos são afetados igualmente. Embora capture uma certa verdade, uma vez que o colapso da cidade foi generalizado e atingiu tanto regiões mais ricas quanto mais pobres, o nível de estrago e a rapidez das respostas é muito distinta. As águas de bairros centrais, por exemplo, **baixaram assim que o sistema de proteção às enchentes** voltou a funcionar, **enquanto bairros periféricos, como o Humaitá, precisaram protestar pela atenção das autoridades**. Podemos afirmar algo parecido sobre as instituições museais e culturais da cidade. O nível de preparo para lidar com uma catástrofe, a quantidade de recursos financeiros que pode ser empregada na reconstrução, ainda que baixos em todas as esferas, é completamente diferente.

Ninguém está preparado para um cenário como o vivenciado pelo Rio Grande do Sul, mas alguns espaços possuem maior incentivo fiscal e equipes mais bem estruturadas do que outros. Já podem ser observados argumentos de que o problema seria do setor público e que essas instituições devem ser privatizadas, mas, como vemos, instituições privadas também foram atingidas e não estavam preparadas.

O que perdemos com as enchentes não foram “apenas” os acervos, os materiais técnicos ou os espaços físicos dos nossos museus, mas toda a história que eles carregam consigo. Ainda não se sabe ao certo o quanto foi perdido em cada uma das instituições atingidas, sequer há previsão de quando elas reabrirão para visitação. Falar sobre os espaços culturais da cidade e os efeitos da catástrofe neles é também falar sobre o nosso direito à memória, à cultura, à cidade – ou, nesse caso, a falta dele.

Enquanto pessoas que tiveram acesso à vida na capital apenas depois da maioridade, para nós, a perda desses espaços culturais e de memória carrega um peso singular. Não temos lembranças de infância pelas ruas de Porto Alegre, como vemos conhecidos compartilharem nas redes sociais desde o início das enchentes. Esses lugares têm para nós outros significados: são símbolos de uma cidade que nos acolheu, são formas de também nos sentirmos parte, de construirmos nossa identidade como novos moradores ou frequentadores regulares, como historiadores.

Porto Alegre voltará e nunca mais será como antes, isso nós já aceitamos. Mas voltará como, em quais condições? Uma Porto Alegre funcionando apenas para manter a máquina do capitalismo girando, com acesso limitado à cultura e ao lazer, nos interessa muito pouco. Os museus e os atores que os constroem não podem ser percebidos nesse cenário como objetos de ação municipal, mas sim como sujeitos. Planos de retomada devem levar em conta a sociabilidade de quem habita a capital e, principalmente, devem ouvir e buscar pelo assessoramento de pessoas que estão à frente desses espaços de cultura atingidos.

Vitória Duarte é educadora, historiadora e mestranda no PPG em Sociologia da UFRGS, onde pesquisa os diferentes arranjos de ativismos alimentares no Brasil. É membro do **Close — Centro de Referência da História LGBTQI+ no RS**.
Andrei da Rosa é historiador e mestrando no PPG em História da UFRGS, onde pesquisa sobre o exercício de poder na Idade Média. Também atuou e se interessa por Educação Patrimonial. É membro do **Close — Centro de Referência da História LGBTQI+ no RS**.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente a posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



A periferia precisa comer: as Cozinhas Solidárias em tempos de emergência climática



Tese de doutorado inova ao aplicar tecnologias 3D em pesquisa sobre ladrilhos hidráulicos



Permanências e Mudanças no bairro Floresta



Quem é o mané que perdeu?

View on Instagram

:: ÚLTIMAS



Corredores ecológicos entre áreas preservadas são essenciais para a manutenção da biodiversidade



Apoio geotecnológico nas encostas do Rio Grande do Sul



Equilibrando-se na tempestade: resiliência, resistência, adaptação



Avaliação postural em evidência



Gênero, sexualidade e raça no contexto do Pole Dance



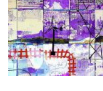
Carta aos leitores | 11.07.24



Carta aos leitores | 04.07.24



Mobilização duradoura de cidadãos voluntários evidencia a necessidade de se repensar modelo de administração pública



Energias renováveis e mudanças climáticas



Os impactos das inundações nos museus de Porto Alegre e no direito à cidade

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br